

APRESENTAÇÃO

LITERATURA E IMPRENSA

Alfeu Sparemberger¹

Este número da Revista **Cadernos de Letras**, publicado pelo Centro de Letras e Comunicação (CLC) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), teve como proposta receber artigos que analisassem a complexa e múltipla interlocução da literatura com a imprensa no Brasil do século 20. Foram aceitos, como a seguir pode-se constatar, estudos que demonstraram existir uma interlocução iniciada no final do século 19. São apresentados, assim, estudos de investigação sobre a presença e a produção de escritores nos veículos de imprensa, considerando manifestações que se estendem do texto ficcional – conto, poesia, romance-folhetim, etc. – ao de opinião – crônica, crítica, ensaio, etc. – e demais formas que contemplam este rico diálogo, que se constitui em sólido contributo para a conformação do sistema literário brasileiro. Partindo do reconhecimento de que as relações entre literatura e jornalismo são, além de antigas, já reconhecidas, e de que há um amplo espectro de atuação do chamado jornalismo literário e cultural, também tema desta chamada, o relato jornalístico e a interface com a literatura, no âmbito específico e singular do ambiente digital, também constituíram matéria considerada no quadro geral desta publicação. A multiplicidade de enfoques, temas e autores abordados é somente revelador de que a leitura é plenamente válida, como já indicam, assim esperamos, as notas desenvolvidas a seguir.

“Imprensa, literatura e sangue: uma breve genealogia do *true crime*” explora os mecanismos, o percurso histórico e o alcance cultural e midiático de um gênero de múltiplos trânsitos, constituindo-se, então, em modalidade presente em livros, jornais, televisão e nas manifestações que circulam por meio das atuais formas telemáticas (*podcasts* e plataformas de *streaming*). O *true crime*, inscrito no campo ético, estético e político, funciona como produção multifacetada que vai desde o campo religioso, punitivo em suas origens, até o âmbito de uma operação cultural que problematiza representações da violência e sua espetacularização, as contradições de classe, o questionamento das estruturas jurídicas, as situações prisionais, o potencial de intervenção crítica e política, etc. A definição do *true crime* como gênero, um dos tópicos centrais da discussão proposta pelo artigo, revela dois aspectos cruciais: primeiro, o

¹ Doutor em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e do programa de Pós-graduação em Letras (UFPEL).

modo como o relato de “crimes reais” transfigura a narratividade (e a narratividade como presença incontornável no relato jornalístico), que aciona elementos literários ao registro da violência cotidiana. Dessa forma, a “linguagem, que antes se orientava pelo registro objetivo do acontecimento, passa a mobilizar recursos da ficção, convertendo o horror em trama, o crime em enredo e a vítima em personagem”. Não precisamos fazer um grande esforço para saber qual será a culminância do processo: a memorável obra de Truman Capote, *A sangue frio* (1966), desloca o gênero para “outro patamar estético e cultural”, assim como todo o jornalismo que, nos tempos idos dos anos 1960, é um “novo” jornalismo (e todo um conjunto de manifestações que está sob o guarda-chuva da contracultura); o deslocamento do gênero processado por Capote aciona o segundo aspecto aqui destacado: a inespecificidade do gênero, que pode ser um construto intertextual, combinando textos verbais, visuais, auditivos, gênero literário, ficção, “romance de não ficção”, documento, notícia, crônica, etc. O gênero operou, em suma, mudanças no modo de narrar do jornalismo desde o século 19, quando faz sua incipiente aparição, até os dias atuais.

“Zines, resistência e subversão” analisa a produção independente dos Coletivos Anarcofeministas (CAF) e Anarcofeministas Insubmissas (Cafi) no período de 1993 a 2023. O produto cultural zine, para além de se configurar como um construto contranarrativo e de resistência, historicamente posicionado no âmbito da cultura marginal, pode ser considerado manifestação inespecífica ou, então, num campo fronteiro, onde, por meio de uma fatura experimental interpela os discursos dominantes, fratura formas e modelos fixos e abre espaço para a divulgação de vozes silenciadas, impedidas de dizer o que pensam e sentem. O artigo consegue definir as pistas para o estabelecimento de um vínculo histórico tramado entre a imprensa anarquista do passado e os aspectos dos zines contemporâneos. Para tanto, o texto assinala: “Há um gesto comum: o de tirar da margem uma fala que sempre existiu, mas que o discurso dominante insiste em classificar como erro, desvio, barulho. Ambos operam como dispositivos de escuta.” Cabe registrar, finalmente, que o zine, para além do inespecífico, híbrido e fronteiro, enquanto forma, que se apresenta ainda na modalidade do ensaio, panfleto, poema, da intrínseca relação entre arte e estrutura social, pelo que apresenta de político e contestatório, rebelde, sobrevive a despeito da precariedade do material por conta, fundamentalmente, da sua capacidade mutante (por meio da metamorfose).

“Trauma e pós-memória no assassinato do irmão de Nelson Rodrigues: ‘Toda boa história começa com um adultério’” recorre aos procedimentos teórico-metodológicos da chamada pós-memória, do trauma, do depoimento, da biografia e da pesquisa (de fontes primárias e secundárias) para reconstruir, em três cenários ou versões, contraditórios, vivos e pulsantes, o episódio em que Sylvia Serafim mata, com um tiro, em dezembro de 1929, Roberto Rodrigues, irmão do jornalista, romancista, teatrólogo e cronista Nelson Rodrigues. O motivo da ação estava estampado na capa de uma edição que sugeria um suposto adultério. Temos, como pano de fundo, além de um componente autoral biográfico acionado na construção do artigo, o destaque para as disputas entre os jornais *Crítica* e *O Jornal*, este último de Assis Chateaubriand, no qual Silvia publicava um suplemento feminino (*Para a mulher no lar*); a forte presença de escritores nas redações, na época em que a literatura, por meio dos Suplementos, marcava presença incontestante no campo jornalístico, enquanto, inclusive, era a instância legitimadora de um jornal de prestígio; e, por fim, o sucesso e seu derradeiro momento, nos anos 1960 e 1970, do chamado “jornalismo sensacionalista”.

O artigo “Joaquim Cardozo no *Diário de Pernambuco*: três estudos sobre *Poemas* (1947)” apresenta os resultados de uma seletiva investigação sobre a poesia de Joaquim Cardozo, formado pela Escola de Engenharia do Recife, parceiro de Samuel Rawet no planejamento e construção de Brasília na década de 1950, e centralizados nos textos

receptionais que tomaram como objeto de estudo o livro **Poemas**, publicado por insistência de amigos. O primeiro texto crítico que trata da obra de Joaquim é de Paulo Mendes Campos, de 1948, o que significa, à partida, algo de expressivo alcance, considerando-se que os textos de Paulo eram publicados e republicados em vários jornais da época. O segundo texto tem a assinatura de Mauro Mota, poeta e jornalista com intensa atuação na cena literária recifense, responsável pela divulgação de escritores nordestinos. O ciclo fecha-se com o texto de Jorge de Lima, publicado um ano após o texto de Mauro Mota; merece destaque este interesse de Jorge de Lima, pois sua atuação como escritor é bem mais conhecida que a dedicação à crítica literária. O artigo revela aspectos merecedores de atenção quanto ao papel de amigos, conhecidos, escritores e admiradores na divulgação de uma obra literária, inclusive como forma de consolidação de um sistema literário. Revela, de outra parte, o papel da imprensa como legitimação da obra de escritores, fundamentalmente quando esses assumem o papel de críticos literários com aceitação do periódico como forma de divulgação e não de laboratório de criação.

O artigo “Guiomar Torrezão e Júlia Lopes de Almeida: crítica literária feminina e uma ponte Portugal-Brasil na imprensa periódica” resgata e recompõe aspectos da trajetória das duas autoras e sua posição, por vezes de esquecimento, no cânone literário dos dois países no final do século 19 e início do 20. O texto reproduz, para tanto, e por meio de procedimentos da ciência filológica e da crítica literária, artigo de Guiomar sobre Júlia Lopes de Almeida e um texto desta última sobre a autora portuguesa, num olhar entrecruzado. As autoras, cabe lembrar, tiveram atuação significativa na imprensa da época em seus respectivos países. O estudo revela elementos de um quadro das relações literárias e culturais entre Brasil e Portugal, e que, a despeito do nacionalismo e lusofobia brasileiros, principalmente no entorno da Proclamação da República (1889), sempre existiu um destacado intercâmbio entre os intelectuais dos dois países. É importante registrar a existência de uma troca entre discursividades femininas no período. Fica evidente, de outra parte, o papel da imprensa, nomeadamente o dos periódicos, na construção de intercâmbios e de um espaço que antecede, em muito, o movimento feminista, como registrado pelo texto: “Publicar enquanto mulher, entretanto, foi um ato pioneiro na busca por emancipação”. O texto, no conjunto, resgata vozes de uma crítica literária praticada por mulheres que, via de regra, “foi destinada a um estatuto de inferioridade imposto pelos intelectuais da época, o que deu início a um apagamento sistemático de escritoras que produziram e publicaram críticas literárias”. Não há, certamente, qualquer exagero em afirmar isso: Júlia Lopes de Almeida, idealizadora da Academia Brasileira de Letras, foi impedida de tornar-se um de seus associados por ser mulher.

“Voz dos invisíveis: o ensaísmo na escrita de Lima Barreto” reflete sobre o aspecto ensaístico da obra de Lima Barreto. Os textos do autor de **Triste fim de Policarpo Quaresma**, ou seja, ensaios, crônicas e folhetins, tiveram início em revistas, jornais, revistas literárias e, por fim, na forma de livro. O ensaio, modelo propício ao pensamento livre, ao exercício, presta-se, no seu modo inespecífico de existência, ao pensamento reflexivo e crítico. Em sua processualidade e na comunicação com o leitor, o ensaio opera por tentativas, aproximações, como laboratório, entre outros aspectos; é comunicativo, dialógico, livre e estima e valoriza o leitor. Lima Barreto, além/ou para dar voz a silenciados, experimentou uma dupla situação: era o escritor sem livro e, ao mesmo tempo, o jornalista sem espaço em jornal. Daí que o papel de informar, característico da imprensa e da natureza do jornal, confunde-se com a narrativa ficcional capaz de significar o mundo, e que, em confluência, faz emergir, “como jornal do eu”, nas palavras do jornalista e professor Sergio Endler, as **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. O jornal aparece, como já assinalado, na forma de laboratório, de exercício e de experimentação, mas também como modo de salvação. Resulta daí a conclusão a que chega o articulista em seu texto: “A obra de Lima Barreto é o resultado franco de um exercício crítico

diante da literatura que era produzida no início do século XX por incluir, em seus escritos, uma destinação política declarada, disposta a destacar na pauta literária os temas geralmente ocultados ou camuflados na sutileza dos discursos.”

No artigo “João do Rio na Revista **Kosmos** (1904-1907)” temos um traçado da vida e dos costumes da Belle Époque e da República Velha no momento do “bota-abaixo modernizador” que ocorria no Rio de Janeiro, dirigido pelo prefeito Pereira Passos. O texto apresenta uma leitura da Revista **Kosmos** explorando as tensões entre a ideologia modernizadora, europeia e normativa produzida pela publicação e os textos de João do Rio. O centro da análise destaca que a luxuosa revista, um veículo da elite, cedeu espaço, de modo inadvertido ou por demonstração de ecletismo, a um conjunto de crônicas de João do Rio (de nascimento batizado como João Paulo Alberto Coelho Barreto), que introduziu um olhar etnográfico, manifestou empatia com os grupos sociais marginalizados (cuja vida pulsava nas ruas) e práticas culturais desvalidas, como é o caso de tatuadores, vendedores ambulantes, capoeiras, etc. A presença das crônicas de João do Rio funciona, assim, como um registro contraideológico num espaço marcadamente burguês, que almejava a construção, como queria Olavo Bilac, de uma “autêntica metrópole” nos trópicos. O Brasil deixaria de ser, deste modo, uma “terra de bugres”. A crônica, esse gênero semovente, coletivo, aberto, intrinsecamente ligado ao jornal, desvendava o pacto organizador do corpo social e, ao mesmo tempo, sondava e desvendava a vida “íntima” daquele mesmo corpo, o dos salões e cafés requintados e o componente “encantador” das ruas. Os dois últimos artigos tratam das poucas “vagas” na literatura brasileira para os Barreto: um é o dândi, e o outro é o boêmio e também rebelde, inquieto e inconformista. Para João do Rio, que era a própria cidade, a transgressão tinha como sentido e alvo final, não menos sublime, a ascensão; para Lima Barreto, ela foi impossível; foi barreira praticamente inalcançável de transposição. Dos últimos autores tratados, dois não conheceram as “cadeiras” dos acadêmicos: Júlia Lopes de Almeida foi substituída pelo marido e Lima Barreto não foi escolhido (e morreu num hospício); João do Rio chegou lá: em 1910, aos 29 anos, tornou-se o mais jovem integrante da Academia Brasileira de Letras (ABL).

“Literatura traduzida e imprensa: uma década de tradução poética no ‘Suplemento Letras e Artes’ do **Diário de Notícias** (RJ)” realiza um levantamento e análise da poesia traduzida e publicada no referido Suplemento entre os anos de 1956 e 1965. Concentrado na produção poética, por conta do alto prestígio desta modalidade literária, as duas vertentes articuladoras do texto atuam em plena consonância. A perspectiva qualitativa aborda, de um lado, o papel dos Suplementos Literários e Culturais na divulgação de obras e escritores, o papel e a importância da tradução (e não menos importante, aspectos de uma História da Tradução no Brasil), a presença da literatura estrangeira no Brasil, o que reforça e amplia nosso repertório, o *status* atribuído aos tradutores, etc.; de outra parte, a estratégia quantitativa de organização da pesquisa demonstra um respeitável trabalho em que são apresentados os “dados obtidos a partir do levantamento de poesias em tradução em 520 edições do suplemento, consultadas por meio da Hemeroteca Digital Brasileira. Por este enfoque, foram identificados 150 poemas ou trechos de poemas traduzidos para o português brasileiro por 35 nomes, dos quais 7 destacaram-se pela colaboração frequente no suplemento”. Resulta desta investigação um dado incontornável: a importância dos laços entre imprensa (nomeadamente o exemplo dos Suplementos é sempre um destaque) e literatura como consolidadores do sistema literário brasileiro.

O texto “A literatura combativa de Júlia Lopes de Almeida: notas sobre sua produção folhetinesca (1907-1925)” analisa três produções da autora (importante nome das letras da Primeira República, revelada em outra faceta, conforme já destacamos anteriormente) publicados, inicialmente, em jornais (**O Paiz** e **Jornal do Commercio**). A produção aqui

selecionada, em estudo orientado teórica e metodologicamente pela História Cultural, apoiado por sólida base documental, explora o ativismo da autora, manifesto tanto no âmbito pessoal quanto público, e que trata de questões como família, casamento, educação, voto, política, etc. Novamente, como já fizemos notar nesta “Apresentação”, literatura e imprensa (jornal) aparecem imbricados na consolidação do sistema literário brasileiro. É o que o próprio artigo registra depois de realizar o estudo acerca da presença do folhetim, ou da literatura de modo geral, nos jornais: “E foram esses ensinamentos, aliados a um cenário propício para o desenvolvimento da literatura nas páginas dos periódicos pelos intelectuais, ao que observa Miceli (2015) sobre a relação indissociável entre jornalismo e literatura, que parecem ter oferecido uma espécie de cadeira cativa à escritora em diversos periódicos da imprensa nacional e alguns internacionais”.

O artigo “Entre tipografias e círculos literários: Humberto de Campos na Imprensa da cidade de Belém (PA)” tem como objetivo central “cartografar” a presença e atuação de Humberto de Campos na imprensa da capital do Pará no início do século 20. O artigo destaca, para tanto, e com base em pesquisa documental, a atuação do autor de **Histórias maravilhosas** (1933) na **Folha do Norte** e em **A província do Pará**. Com intensa atividade jornalística, Humberto de Campos, rememorado neste texto, praticou diversos gêneros, com destaque para a poesia e o conto, não negligenciando, no entanto, o comentário de livros e ainda sobre os mais variados assuntos. Humberto de Campos foi, na crônica, escritor ágil, imaginoso e criador, capaz de contaminar com os seus elementos a produção de suas memórias, como é o caso de **Fragmentos de um diário** (1939). Cabe considerar a atuação de Humberto de Campos que, em vida, conheceu a notoriedade como escritor, fato raro no Brasil, e faleceu, em 1934, em plena glória.

“Grande sertão na imprensa dos EUA: a recepção midiática de ‘The Devil to pay in the Backlands’” analisa como a recepção de **Grande sertão: veredas** (1956), de João Guimarães Rosa, ocorrida entre 1963-1970, foi mediada na imprensa por um amplo conjunto de paratextos, como editoriais, colunas, listas, resenhas, comentários, etc. A imprensa, em tal caso, funciona como um “primeiro horizonte crítico” e constitui-se, em termos teóricos e metodológicos, como um “laboratório privilegiado”, considerando-se o intuito de analisar as estratégias tradutórias empregadas no campo da cultura ou do jornalismo cultural, nomeadamente quando dirige para seu público uma obra canônica, “difícil”, exótica, operando com enquadramentos e estratégias genéricas de informação, avaliação e divulgação. Em outro sentido, trata-se de trabalho que lida com a circulação transnacional de obras, produzidas em todos os quadrantes da terra, a começar pelo que um dia foi chamado de Terceiro Mundo (transfigurado, hoje, caso se aceite, no Sul, para além de outros parâmetros, como descolonial, decolonial, etc.) e de novos letramentos, ou seja, formas recepcionais que, no caso de obras “exóticas” ou, então, alegóricas, precisam ser “domesticadas” e seu estranhamento controlado, administrado, além de outras questões, e tudo isso num mundo de fluxos e intercâmbios intensos.

“Paraná ao rés-do-chão: disjunção e isolamento na crônica e imprensa paranaense” contrapõe o conteúdo de quatro crônicas publicadas na imprensa paranaense às teses defendidas por Wilson Martins no seu livro **Paraná, um Brasil diferente** (1955). O conhecido crítico literário Wilson Martins entende que, na formação identitária do Estado do Paraná, estiveram ausentes o índio, o negro (escravizado) e o imigrante português. Isso faria do Estado quase uma Europa nos trópicos. A tese é falsa e desmentida pelas crônicas presentes no livro organizado por Luís Bueno, **O tempo visto daqui: 85 cronistas paranaenses**, de 2018. A crônica presta-se, aqui, e para além do que já apontamos nesta “Apresentação”, como ferramenta de retomada e revisão da História, área do conhecimento com quem já manteve estreito vínculo e

que foi dela se afastando ao longo do tempo para se tornar leve, despojada, ao nível do chão, um gênero semovente, híbrido e maleável. É o que o leitor encontrará no artigo e, no conjunto, encontrará as múltiplas possibilidades de relação entre literatura e jornalismo (imprensa ou outros meios), num arco temporal que vem do final do século 19 até a atualidade, num quadro múltiplo de abordagens teóricas, críticas e históricas.

Pelotas, janeiro de 2026